

“As minhas aventuras na república portuguesa” ou Portugal tal como ele é

Maria Filomena Barradas

Escola Superior de Tecnologia e Gestão – IPP
filomenab@gmail.com

Resumo

Entre 1988 e 1990, Miguel Esteves Cardoso, director do semanário O Independente, escreveu e publicou nesse jornal a série de crónicas “As minhas aventuras na república portuguesa”. A reunião destes textos em volume homónimo, ainda durante 1990 e antes do fim da série no jornal, mostra bem a popularidade de que gozavam.

“As minhas aventuras na república portuguesa” são um olhar distanciado, crítico e divertido sobre o Portugal recém-entrado na CEE. Contra o discurso efusivo do “Portugal na CEE” e contra o discurso da crise, que tende a mitificar o passado glorioso, estas crónicas pedem ao leitor que corrija o seu olhar face à realidade e aceite Portugal tal como é.

Palavras-chave: Portugal; Europa; anos 90; Miguel Esteves Cardoso; o independente

Na passagem da década de 80 para a década de 90 do século XX, as fronteiras geográficas, políticas e simbólicas que estruturavam o mundo desde o pós-guerra dissolviam-se: a queda do muro de Berlim, a reunificação alemã, a desagregação do bloco soviético, o fim do *apartheid* ou a invenção do protocolo *http* são disso exemplo. Neste cenário, os governos ocidentais e capitalistas perfilavam-se como as melhores formas de governação, como confirmavam, por um lado, a prosperidade geral, e por outro lado, a queda da URSS, enquanto modelo político alternativo ao capitalismo.

Ao nível português, o período de perturbação política, económica e social que caracterizara o pós-25 de Abril chegava ao fim. À medida que o regime democrático se consolidava, criavam-se as condições para a ocorrência de mudanças profundas na sociedade portuguesa, para as quais contribuíram quer os governos liderados por Cavaco Silva (1985-87; 1987-1991 e 1991-95), quer o facto de Portugal ter passado a fazer parte da Comunidade Económica Europeia (1 de Janeiro de 1986).

Graças ao *boom* económico desse período, Portugal conseguiu aproximar-se do resto da Europa. O sentimento geral entre os portugueses era de bem-estar: não só os salários tinham aumentado e o emprego crescido, como havia sinais claros de que Portugal estava mais moderno e mais europeu – a rede viária expandia-se; o consumo crescia; o acesso aos progressivos graus de ensino aumentava; mais gente chegava à universidade; novos espaços de diversão e de convivialidade nasciam; os hábitos e as mentalidades modificavam-se.

Foi neste cenário aqui traçado sucintamente que em 1988 apareceu o semanário *O Independente*. Nascido dos interesses de um grupo económico privado (a SOCI – Sociedade de Comunicação Independente), o novo semanário desejava ser uma alternativa às ofertas de informação existentes, nomeadamente ao *Expresso* e ao *Semanário*.

Publicado durante dezoito anos (Maio de 1988 – Setembro de 2006), apontam-se como características fundamentais de *O Independente* o olhar cínico sobre a política, a linguagem irónica e arejada, que contrastava com a linguagem jornalística típica, e a irreverência.

Nunca tendo ocultado o seu posicionamento político e ideológico como conservador e de direita, *O Independente* desde logo esclareceu os leitores acerca da ideologia professada. Para além disso, o semanário empenhou-se em formar o público, ao fornecer-lhes um quadro de referências alternativo aos discursos existentes.

Ao longo deste artigo explicarei como é que no seu primeiro ano e meio de existência, *O Independente* procurou estabelecer um diálogo com a comunidade nacional, propondo uma nova leitura da identidade portuguesa, a partir das crónicas *As minhas aventuras na república portuguesa*, escritas pelo então director do jornal, Miguel Esteves Cardoso.

Publicadas a um ritmo semanal, entre Maio de 1988 e Maio de 1990, estas crónicas foram logo reunidas num volume em Abril de 1990¹, o que atesta bem a popularidade de que gozavam. Ao longo deste artigo, defenderei a leitura destas crónicas como réplica quer aos discursos oficiais que, à época, se ocupavam tanto do elogio da entrada na CEE, como da glorificação dos Descobrimentos, cujo quinto centenário então se celebrava; quer ao quer ao discurso da decadência e da crise, um dos

mais frequentes *topos* no que à identidade portuguesa respeita. Assim, nas suas crónicas, Miguel Esteves Cardoso acaba por traçar uma imagem alternativa às imagens predominantes de Portugal e dos portugueses.

O título *As minhas aventuras na república portuguesa*, escolhido para esta série de crónicas, é pleno de sugestões: à “aventura” associamos o inesperado e o extraordinário, que merece ser relatado; as aventuras são vividas pelo próprio cronista na “república portuguesa”. Portugal, assim apresentado, configura-se como um espaço geográfico, político e cultural no qual o cronista é um explorador ou um antropólogo, que precisa de criar distanciamento para melhor observar o seu objecto de estudo.

Também a biografia e a filiação político-ideológica do cronista ajudam a explicar a escolha do título – afinal, Miguel Esteves Cardoso é filho de mãe inglesa, fez os seus estudos no Reino Unido e é um conservador monárquico, factores que potenciam o seu distanciamento crítico.

Poder-se-ia pensar que aquilo que uma visão conservadora do mundo proporia era uma fixação no passado, tempo de um paraíso perdido. No entanto, creio que a proposta de Miguel Esteves Cardoso não é essa. A sua lógica é a da continuidade; para ele, é preciso preservar o passado, a memória, o património comum, mas sem o mitificar e sem o substituir por uma versão actualizada e moderna, que dele faça tábua rasa.

A saudade poderia perfilar-se como o mecanismo cultural propiciador da continuidade. Considerada traço distintivo da identidade portuguesa, Teixeira de Pascoaes ergueu-a, no início do século XX, à condição de uma filosofia – o Saudosismo – pela qual a regeneração da nação se operaria.

No entanto, Miguel Esteves Cardoso não reconhece o potencial regenerador da Saudade. Por isso, em “A aventura das Saudades”, afirma que a saudade é “um genocídio sentimental” (p. 18); as saudades resultam de “qualquer coisa que coisa que não está bem” (p. 18) e que os portugueses divinizam, ao invés de corrigirem. A saudade é forma de amputação, que os portugueses não se empenham em sanar e que faz parte duma ética do sofrimento. É “a lição portuguesa ao mundo: sofrer é um método de aprendizagem: Sofrer é viver. Sofrer é saber”, como se diz na “Aventura de sofrer” (p. 105). Para este comprazimento aditivo, Miguel Esteves Cardoso propõe a solução da sua mãe que, sendo inglesa “ama Portugal mais do que qualquer português”: “Não é o fim do mundo” (p. 107), uma lição que os portugueses teimam em ignorar.

Esta falta de pragmatismo pode ser associada ao modo como, entre outras coisas, o trabalho é visto:

“No fundo da nossa consciência colectiva, nós acreditamos que o trabalho, só por si, não se justifica (...) o trabalho só se aceita socialmente quando é absolutamente inevitável”².

Miguel Esteves Cardoso parece ecoar as palavras de Antero de Quental, n’ *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* (1871), quando afirmava que os portugueses preferiam ser aristocratas pobres e ociosos, em vez de uma sociedade próspera e trabalhadora.

No entanto, as semelhanças ficam-se por aí. Antero era um revolucionário e um republicano, um intelectual que apontava o afastamento de Portugal e Espanha em relação à Europa e que defendia a federação peninsular como parte da solução para o

problema. Miguel Esteves Cardoso é conservador e monárquico, um crítico da federação europeia. Para ele, por virtude da entrada na CEE, abandonaram-se hábitos e atitudes que distinguiam os portugueses: as pessoas querem agora trabalhar e produzir; parecem ter abandonado os velhos hábitos; parecem, afinal, ter perdido o horror ao trabalho – e achando que assim são mais europeus:

“Temos à nossa frente um Portugal sedento de se ‘desenvolver’, de ser ‘mais como’ os países ‘mais evoluídos’, um pobrezinho mais consentâneo com os senhores que secretamente julga estarem a sustentá-lo.”³

No final do século XX, a Europa continuava a representar, tal como no século XIX, a utopia do progresso e da civilização, de que Portugal permanecia alheio. Eduardo Lourenço explica o modo como o século XIX e em especial a Geração de 70 encarava a questão da Europa, contribuindo para a sua mitificação:

“Mas o que [a Geração de 70] exigia era um *Portugal-outro*, um Portugal onde se actuasse, se vivesse, se pensasse e se inventasse como na Inglaterra, na Alemanha, na França, em suma, na única Europa que merecia esse título que desde então designa menos uma entidade geopolítica, uma história comum, do que *um mito*, o da Civilização, do Progresso, da Cultura como espelho e instrumento regenerante do destino humano. *Europeizar-mos*, nesse preciso sentido, tornou-se então a obsessão quase unânime da elite portuguesa e toda a nossa cultura se vai inscrever no espaço da Europa e em função do objectivo de a apagar.”⁴

O mito da Europa reavivou-se pela entrada de Portugal na CEE, que alguns quadrantes entendiam como uma espécie de portal mágico, que uma vez cruzado, daria acesso directo à prosperidade, ao progresso, à civilização, arrancando Portugal da treva e do atraso.

Tal como um século antes, Eça de Queirós, criticava, no último capítulo de *Os Maias*, o exagero e o acriticismo com que o modelo europeu era recebido e reproduzido em Portugal⁵, também Miguel Esteves Cardoso criticará os seus compatriotas, em “A Aventura da Europa” (p. 129) pelas mesmas razões:

“Aconteceu o pior pesadelo – estamos a tornar-nos *europeus à portuguesa*. Ou seja seguimos a versão Amoreiras da grande herança greco-romana.”

Miguel Esteves Cardoso manifesta a sua estranheza perante o facto de que, associada à celebração da Europa exista (ainda) a fixação na memória dos Descobrimentos. Europa e Descobrimentos são mesmo compatibilizados no discurso de políticos e eurodeputados⁶, numa sobreposição de discursos (oficiais) que é patética (o destaque é meu):

“Aqueles que mais se destroçam para serem Europeus, empenhando a prata da família para alcançar o talher de plástico do aeroporto de Bruxelas, são os mesmos que se sentem privilegiados e importantes só por serem portugueses. **Toda a classe política (...) sofre desta provinciana patetice. Portugal é a ‘nossa terra’ a nossa querida terrinha, o torrão, o nosso niquinho niquento de nação.** E tanto faz ser Portugal inteiro como Montemor ou Arcos de Valdevez.”⁷

De maneira a inverter este estado de coisas, Miguel Esteves Cardoso apela àquilo que designa como ao verdadeiro patriotismo – um patriotismo que é mais cosmopolita e mais europeu do que se podia supor (o negrito é da minha responsabilidade):

“São já (foram sempre) poucos **os verdadeiros patriotas** – aqueles que **amam Portugal inteiro, passado e presente, Celorico e Lisboa, emigrante e cosmopolita, ao mesmo tempo que reconhecem, chateados, que Portugal está uma miséria há muito, muito tempo** (...). Ser nacionalista não é, ao contrário do que diz a Esquerda estúpida, dizer que Portugal é que é bom. **É dizer que, por muito mau que visivelmente seja, Portugal é que é nosso. Portugal é o que nos calhou.** (...)”

Um verdadeiro patriota ocupa-se da Pátria inteira. Não ‘escolhe’ os melhores bocadinhos (...) como fazem os nossos dirigentes intelectuais e políticos. Isso é fácil e é mesquinho. É artesanato de boca. É o que fazem os turistas.”⁸

Assim, aquilo que Miguel Esteves Cardoso propõe é que se proceda a uma correcção da auto-imagem dos portugueses enquanto comunidade⁹. Só pela auto-estima e pela aceitação dos defeitos e virtudes – que revestem qualquer comunidade – se poderá corrigir a imagem deformada que os portugueses têm de si mesmo. Isso implica a aceitação do passado, mas não a sua divinização¹⁰.

A defesa da tese de que “Portugal é que nosso” ou “My country right or wrong” na crónica “A aventura da Europa” motivou uma crónica-resposta de Vasco Pulido Valente, colunista-convidado de *O Independente*, no número seguinte do jornal. Em “Desamar a nossa pátria” (*O Independente*, nº 43, 10 de Março de 1989), Pulido Valente rejeita a tese de Esteves Cardoso e acusa-o quer de desconhecer “as mais amáveis tretas e vergonhas dos últimos tempos”, quer de viver afastadamente o seu amor pela pátria: “Amar de longe as tretas e vergonhas da pátria não custa nada. Viver delas e com elas dói e diminui”.

A resposta de Miguel Esteves Cardoso chega no mesmo número de *O Independente*, na crónica “A aventura da Resposta à Coluna de Vasco Pulido Valente na Página 5”. Considerando que Vasco Pulido Valente é “o típico intelectual português” e que isso justifica a sua amargura, Esteves Cardoso esclarece que não há outra solução senão gostar de Portugal. A relação que se deve manter com a pátria não é uma relação intelectualizada, como aquela que Vasco Pulido Valente e outros propõem; é uma ligação da ordem do familiar e do emocional, porque: “Há qualquer coisa de português em todas as coisas e pessoas portuguesas, sejam boas ou más, estejam erradas ou certas”.

Só aceitando e amando Portugal, para lá dos seus defeitos, se será um bom português e, por extensão, um bom europeu – alguém que entenda que a Europa é muito mais do que uma entidade “abstracta, supra-nacional, anti-histórica”¹¹, fundada em relações de tipo económico ou alavanca do tão desejado progresso. A Europa assim concebida é um território e um repositório de artefactos culturais, que estão ao alcance de qualquer um. Por isso, Miguel Esteves Cardoso afirma, peremptório (o destaque é meu):

“A Europa não é desafio nem problema. **Desafio e problema somos nós.** A Europa que interessa (...) já nós temos. Está em livros que podemos ler, discos que podemos ouvir, museus e lugares que podemos visitar. **Os Portugueses, de resto, sabem muito mais acerca da Europa do que a Europa sabe acerca dos portugueses. Já somos, se calhar, o povo mais europeu da Europa.** Somos, com os Holandeses, os

mais abertos, interessados, curiosos. Não façamos partes gagas, fingindo que não sabemos e que não somos nada.”¹²

O conservadorismo de Miguel Esteves Cardoso move-o no sentido da preservação do existente, porém, o sentido de preservação não deve confundir-se com imutabilidade ou com a cristalização do passado. Nas crónicas aqui apresentadas, vemo-lo a atacar tanto essa idealização do passado, como o deslumbramento com o futuro, em especial com a Europa, Quinto Império talhado à medida do fim do século XX português.

As crónicas de Miguel Esteves Cardoso são um diagnóstico e uma proposta de remédio para os males de que padece a nossa identidade colectiva. Afinal o que é a identidade? A um nível individual, a identidade é o modo como me apresento aos outros e como os outros me reconhecem. A minha identidade é o meu nome, e tudo aquilo que me individualiza perante os outros: a cor dos olhos, o comprimento do cabelo, o estado civil, a roupa que visto, os filmes que vejo ou os livros que leio. A minha identidade é dinâmica; é afectada por eventos e experiências, embora conserve um fundo permanente.

Não creio que haja razões para pensar que a identidade de uma comunidade tenha um comportamento muito diferente. A principal diferença residirá no facto de que os membros da comunidade têm de se conceber – ou de se imaginar – como membros efectivos dessa comunidade. Consideramo-nos portugueses, porque, colectivamente, partilhamos uma ideia do que é ser português e isso torna-nos efectivamente português, ou seja, membros desta nação que é Portugal¹³.

Autores como Benedict Anderson ou Marshall MacLuhan sublinham a importância da imprensa e dos jornais, enquanto veículos privilegiados da construção da ideia de nação. É certo que os dois académicos se reportam sobretudo aos séculos XVIII e XIX, quando por virtude da Revolução Francesa e do ideário romântico se assiste a uma reconfiguração dos espaços geográfico, político e simbólico. Os jornais proporcionaram uma base comum de entendimento, ao fixarem uma língua vernacular comum e ao divulgarem um repertório de imagens e formas, que são inscritas e absorvidas pela identidade colectiva.

Apesar de actualmente a imprensa escrita ter perdido muito do seu impacto para a televisão e para a internet, ela continua a ter impacto. Mais teria em 1988, quando *O Independente* saiu pela primeira vez, apresentando-se, como um produto diferenciado e com uma identidade bem clara – democrata, conservador e liberal – e com uma missão – estabelecer um diálogo com a nação.

As minhas aventuras na república portuguesa estabelecem esse diálogo com a nação. Num tom bem-humorado e divertido (e, por isso, mais persuasivo, porque actua pela adesão emotiva e não pela adesão intelectual), Miguel Esteves Cardoso reflecte e propõe-nos que reflectamos sobre esta nação que é Portugal. Para Miguel Esteves Cardoso, a identidade portuguesa não é uma identidade em crise, mas uma identidade mal resolvida, uma identidade que não se quer aceitar a si mesma. Esse trabalho de aceitação terá de resultar de um ajustamento em relação à auto-imagem que temos. Afinal, chegados ao final do século XX, não somos nem Império, nem Quinto Império. O Portugal que Miguel Esteves Cardoso e nos propõe não é o que foi, nem é o que hipoteticamente será: é o que é.

Notas

¹ Ao longo do artigo, remeterei preferencialmente para a edição em livro das crónicas.

² “A aventura do trabalho”, p. 97.

³ “A aventura do trabalho”, p. 98.

⁴ *Nós e a Europa ou as duas razões*, p. 30.

⁵ “Carlos pasmava. (...) E o que, sobretudo, o espantava, eram as botas desses cavalheiros, botas despropositadamente compridas, rompendo para fora da calça colante, com pontas aguçadas e reviradas, como proas de barcos varinos...

Ega esfregava as mãos. Sim, mas precioso! Porque essa simples forma das botas, explicava todo o Portugal contemporâneo. Via-se ali como a coisa era. Tendo abandonado o seu feitio antigo, à D. João VI, que tão bem lhe ficava, este desgraçado Portugal decidira arranjar-se à moderna: mas sem originalidade, sem força, sem carácter para criar um feitio seu, um feitio próprio, manda vir modelos do estrangeiro – modelos de ideias, de calças, de costumes, de leis, de arte, de cozinha... Somente lhe falta o sentimento da proporção, e ao mesmo tempo que o domina a impaciência de parecer muito moderno e muito civilizado – exagera o modelo, deforma-o, estraga-o até à caricatura.” (*Os Maias*, pp. 669-670).

⁶ Lê-se em “A aventura dos Descobrimentos” (p. 221): “Há pouco tempo [Carlos Pimenta] disse que a adesão portuguesa à CEE era uma aventura igualável à Epopeia marítima.”

⁷ “A aventura da Europa”, p. 130.

⁸ “A aventura da Europa”, pp. 130-131.

⁹ Diz Eduardo Lourenço: “Enquanto indivíduos, os Portugueses vivem-se, normalmente como pessoas sem problemas, pragmáticas, adaptáveis às circunstâncias, confiantes na sua boa estrela, herdeiros de um passado e de uma vida sempre duramente vividos mas sem fracturas ou conflitos particularmente dolorosos ou trágicos. É enquanto povo ou nação que esta imagem, eminentemente positiva e banal de si mesmos, é objecto de singular distorção (...)”. (*Nós e a Europa*, p. 19).

¹⁰ Em 1988, o cancelamento do programa *Humor de Perdição*, por causa de uma entrevista ficcionada à Rainha Santa Isabel deixava claro o entendimento existente em relação ao passado histórico português, uma vez que se considerou que o *sketch* atentava contra os valores nacionais. De salientar ainda que as “Entrevistas Históricas” eram escritas por Miguel Esteves Cardoso e que só dez anos depois, em 1998, é que a RTP exibiu toda a série do programa de Herman José.

¹¹ “A aventura da Europa”, p. 132.

¹² “A aventura da Europa”, p. 132.

¹³ Cf. *Imagined Communities*, pp. 6-7.

Bibliografia

- Anderson, Benedict. (1996). *Imagined communities reflections on the origin and spread of nationalism* (2nd rev. and extended ed.). London: Verso.
- Cardoso, Miguel Esteves. (1990). *As Minhas Aventuras na República Portuguesa*. Peninsulares/Especial. (5ª ed [1994]) Lisboa: Assírio & Alvim
- Ferreira, Gil Baptista. (2007) “A definição da identidade europeia. Comunicação, memória e cidadania”. Esteves, João Pissarra (org). *Comunicação e Identidades Sociais*. Lisboa: Livros Horizonte
- Gellner, Ernest. (1993). *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Gradiva.
- Hobsbawm, Eric. (1988). *Tradições inventadas*. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos.
- Hobsbawm, Eric. (1998). *A questão do nacionalismo nações e nacionalismo desde 1780 programa, mito, realidade*. Lisboa: Terramar.
- Lourenço, Eduardo. (1988). *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- O Independente*. (1988) propr. SOCI Sociedade de Comunicação Independente; dir. Miguel Esteves Cardoso. Lisboa : Soci: Vasp [distrib.]
- Pascoaes, Teixeira de. (1988) *A Saudade e o Saudosismo*. Pinharanda Gomes (compilação, introdução, fixação e notas de). Lisboa: Assírio & Alvim
- Queirós, Eça de. (1986) *Os Maias – Episódios da Vida Romântica*. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses. Lisboa: Ulisseia,
- Quental, Antero de. (1994) *Política*. Obras Completas de Antero de Quental. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1994
- Vieira, Joaquim. (1999). *Portugal século XX - Crónica em imagens*. Lisboa: Círculo de Leitores.